

## Esse obscuro objeto da cultura<sup>1</sup>

(resenha de *História do corpo*, v. 1, 2 e 3)<sup>2</sup>

Joëlle Rouchou e Monica Pimenta Velloso

*História do corpo: da Renascença às Luzes.*

Petrópolis: Vozes, 2008. (História do Corpo, 1)

*História do corpo: da Revolução à Grande Guerra.* Petrópolis: Vozes, 2008 (História do Corpo, 2)

*História do corpo: as mutações do olhar: o século XX.* Petrópolis: Vozes, 2008. (História do Corpo, 3)

Nos últimos anos, a temática sobre o corpo vem despertando inusitado interesse no meio acadêmico, sobretudo, no domínio das ciências humanas. Historiadores, antropólogos, sociólogos, comunicólogos, filósofos, artistas e literatos têm mostrado como a diversidade de cultura e de contexto interfere na modelagem, criação e recriação de corpos. Parece que nos convencemos, enfim, que o corpo é uma construção simbólica e não uma realidade em si, finita e natural.

Na realidade essa discussão vem de longa data. Desde o final do século XIX, o corpo já começara a ser objeto de investigações, aparecendo na reflexão de autores tão distintos entre si como Marx, Engels e Nietzsche. Em seguida, Georg Simmel, em *Essai sur la sociologie des sens*, e Marcel Mauss, em *Les techniques du corps*, alertaram para a dimensão social dos sentimentos e dos gestos. A gestualidade humana é um fato de sociedade e de cultura, e não de natureza meramente biológica e congênita que se imponha, de forma determinante, ao indivíduo. Apertos de mão, saudações, abraços, beijos no rosto ou na boca expressam formas distintas de representar e de usar o corpo. Também os sentimentos e emoções, inscritos no corpo, gestos, posturas, estão longe de serem dados íntimos, espontâneos e naturais. Desfazendo essa suposta “inocência” da gestualidade, Marcel Mauss mostrou que sentimentos se enraízam em normas coletivas, estando ritualmente organizados e significados. De uma cultura à outra, entre classes e gêneros distintos, podemos perceber diferentes modos de decifrar, sensorialmente, o mundo. Se cada grupo constrói e elabora seu repertório sensorial, às pessoas cabe (de

<sup>1</sup> Parte deste artigo foi publicada no suplemento “Prosa e Verso” do jornal *O globo*, em 26 de julho de 2008.

<sup>2</sup> VIGARELLO, Georges (Dir.). *História do corpo: da Renascença às Luzes.* Petrópolis: Vozes, 2008. (História do Corpo, 1); CORBIN, Alain (Dir.). *História do corpo: da Revolução à Grande Guerra.* Petrópolis: Vozes, 2008 (História do Corpo, 2); COURTINE, Jacques (Dir.). *História do corpo: as mutações do olhar: o século XX.* Petrópolis: Vozes, 2008. (História do Corpo, 3)

acordo com a sua sensibilidade e história de vida) a definição quanto à forma de utilizá-lo.

Michel de Certeau nos lembra que cada cultura tem o seu corpo. Da mesma forma que o acervo lingüístico, o corpo, também, se constitui com base em um sistema cultural codificado. É a partir dessa gestão social, que temos, sempre, que indagar sobre os limites do corpo (até onde ele alcança?), as maneiras de percebê-lo, pensá-lo, e o desenvolvimento dos seus sentidos (visão, audição, olfato, paladar, tato).

Não podemos deixar de considerar que todo processo reflexivo sobre o corpo se depara com uma questão central: o conflito entre a esfera do controle e da norma e a esfera singular das pulsões e desejos.

É com o corpo, enfim, que marcamos nossa presença no mundo. Por intermédio dele, expressamos sensações, sentimentos, emoções, e estabelecemos relação com os outros, o mundo e a cultura. O corpo é signo do indivíduo e de sua diferença. Leva-nos ao bem-estar e ao prazer e, também, à enfermidade, ao envelhecimento e à morte.

Tais idéias são cuidadosamente analisadas e historicizadas nos três volumes de *História do corpo*, sob a direção competente de Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello. Indispensável aos estudiosos do tema, a coleção abre um campo fértil para o entendimento da cultura. Essa história do corpo não interessa, apenas, aos estudiosos da cultura, mas, também, aos que desejarem entender um pouco mais sobre os mistérios e paradoxos da existência humana.

Na condição de obra coletiva, apresenta altos e baixos. Ensaios de altíssima qualidade e originalidade de enfoque convivem com elaborações razoáveis. Mas, sem dúvida, predominam os aspectos da singularidade, acuidade e erudição. Outra observação a ser considerada, sem que isso comprometa o conteúdo, é que a maior parte dos ensaios se refere à história da França. Mas foi nesse país, de fato, que a pesquisa histórica sobre a temática teve maior avanço.

O primeiro volume vai da Renascença às Luzes; o segundo, da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial; ao passo, que o terceiro enfoca o século o XX. Nessa série de ensaios, mostram-se

as intensas mutações, metamorfoses e configurações do corpo, em função do tempo e da cultura.

Dirigido por Georges Vigarello, conhecido do público brasileiro pelos estudos pioneiros no campo das técnicas corporais e da higiene, o primeiro volume indica o Renascimento como marco inaugural nessa história do corpo, explorando muito bem esse tema. É, efetivamente, durante esse período que surge o corpo moderno. Impõe-se a física e a lei de causas e efeitos. O corpo ganha presença carnal e beleza. A partir dessa época, abre-se um conflito de culturas: as conquistas da ciência buscam se impor aos saberes tradicionais. Crenças, rituais e relatos, são criados, muitas vezes, em função de disputas políticas. É o que nos mostra Jacques Gélis em “O corpo, a Igreja e o sagrado”. Ganhando espaço na Europa católica, do século XVII, o culto ao corpo de Cristo cria uma religião mais íntima, pessoal e envolvente. Em contrapartida, a ofensa à eucaristia torna-se o pior dos crimes. Histórias de crianças, cujo martírio era atribuído aos judeus, acabaram criando um verdadeiro imaginário do horror. O relato do “Santo Niño de la Guardia” tornou-se famoso. Não foi por acaso que o clero de Toledo, cidade de forte concentração judaica, voltou a publicá-lo, em 1544. Nessa cidade, pouco depois, surgiriam os primeiros “estatutos de pureza do sangue”.

Na história do corpo quase não encontramos registro da linguagem do pobre ou referência aos corpos mais livres. Tais silêncios foram produzidos pela cultura letrada e pela religião. Só conseguimos ver o que nos mostram os documentos oficiais, perdendo-se as vivências do conjunto da sociedade. Vasculhando as artes, a literatura popular, os livros de receita e os escritos íntimos no Antigo Regime, Nicole Pellegrin e Sara Matheus nos possibilitam alcançar outra inteligibilidade. Mostra-se que, forçado pela necessidade, no Antigo Regime (e hoje também), o corpo do pobre salta, rasteja, se retorce e se arrasta. Vestes, sapatos, formas de andar, de olhar, posturas, dietas alimentares, danças, hábitos de trabalho revelam histórias de vida, criando corpos e classes sociais. Tomamos conhecimento de uma “subcultura da legitimidade” para os que não tinham

uma vida sexual “legítima”. No fim da Idade Média, tolerou-se e, até, incentivou-se a prostituição. Acreditava-se que a satisfação das energias libidinosas evitava desordens sociais.

Em Florença, em 1415, os priores chegaram a financiar a construção de bordéis. Mulheres que viviam do concubinato para sustentar famílias, sexo antes do casamento, prazeres cortesãos e onanismos foram tolerados. Afinal, precisava-se das margens para “garantir a ordem”.

#### DA RENASCENÇA ÀS LUZES

Na França e na Europa nos séculos XVI, XVII e XVIII, já existiam jogos físicos que poderiam ser considerados uma atividade esportiva. Eram jogos de competição, mostrando um mundo em que a vida era dividida entre o trabalho e a religião, com alguns intervalos para os jogos. Em seu artigo, Vigarello ilumina ainda a função desses jogos, que ajudariam a expulsar humores internos e aliviar tensões. Como o vigor corporal era uma marca de poder, a nobreza detinha esse privilégio e se impunha também pela vitalidade e força. Francisco I foi grande caçador; Henrique II era fogoso; e Carlos V, apesar da baixa estatura, era um exímio cavaleiro.

Era a época dos torneios, eventos sangrentos que expunham corpos ensangüentados além de cavalos feridos. Entretanto, havia, ao longo desses séculos, algumas regras de higiene que incluíam exercícios que podem ser seguidos até hoje, como uma caminhada diária. Já se sabia que a vida sedentária era nefasta para a saúde. Em 1777, a descoberta do oxigênio por Lavoisier vai transformar a visão do exercício com sua teoria da proporção entre o ar respirado e o trabalho feito.

Em outro texto, Jean-Jacques Courtine trata da importância da fisiognomonia, “arte que decifra a linguagem do corpo”, hoje em desuso, mas que entre os séculos XVI e XVIII teve um importante papel na história das idéias e da sociabilidade. Interessa estudar a ligação entre o exterior e o interior do ser humano, revelando o oculto. Outro estudo especialmente claro e inteligente, de Rafael

Madressi, vai mostrar como os anatomistas vão trazendo luzes à estrutura do corpo humano, graças às dissecações que foram retomadas desde o século XIII, após mil anos de intervalo.

As doenças também representam uma época. É o caso da melancolia, por exemplo, que na Renascença era considerada um distúrbio aceito apenas para os ricos. Os mais pobres acometidos desse mesmo sintoma seriam rapidamente classificados como “molengões ou descontentes”. Vigarello e Roy Porter mostram que o modelo humoral foi usado durante mais de dois mil anos. Eles buscam traçar um paralelo entre a história da medicina e o lugar do corpo como estudo e como sujeito social.

Se Ernest Kantorowicz, em sua notável obra *Os dois corpos do rei*,<sup>3</sup> apresenta as duas imagens do rei, sua vida pública e privada, Vigarello põe em destaque o corpo do monarca idealizado pela população. Nele deve haver uma unidade do corpo com vocação para a perpetuidade. Vigarello traz uma discussão sobre o corpo místico do rei, o absolutismo e a representação do Estado no corpo do rei.

#### DA REVOLUÇÃO FRANCESA À PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

O segundo volume traz a assinatura de Alain Corbin. Identificado como “historiador do sensível”, o autor apresenta-se como um continuador dos *Annales*, notadamente no que se refere ao trabalho de Lucien Febvre. Analisando temas inusitados como a história dos sentidos, sobretudo do olfato e da audição, Corbin abriu um campo inovador na forma de pensar a cultura. Enfatizou o fato de que indivíduos que vivem em uma mesma época não são, necessariamente, contemporâneos. Gênero, idade, grupo social, local geográfico, uso de tradições configuram a simultaneidade de atitudes e sensibilidades no tempo. Conhecido no Brasil, em especial pela sua colaboração na *História da vida privada* (1991), o autor também teve seu livro *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental* traduzido no Brasil.<sup>4</sup> É precisamente esse olhar de historiador da cultura que marca a maior parte dos ensaios reunidos no segundo volume. No campo das artes plásticas, a reflexão sobre o corpo aparece re-

<sup>3</sup> KANTOROWICZ, Ernest H. *Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia medieval*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000.

<sup>4</sup> CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

lacionada ao tema da nudez. Henri Zerner, em *O olhar dos artistas*, mostra-nos que, em meados do século XIX, surge a “Batalha dos nus”. Acreditava-se que o nu traduzia as verdades e os sentimentos da alma humana. É nesse espírito que, em 1863, uma polêmica opõe as telas *Olympia*, de Manet, e *Nascimento de Vênus*, de Alexandre Cabanel. A *Olympia*, inspirada em uma prostituta, exibe um corpo nervoso, anguloso, urbano e moderno, um corpo provido de rosto. Já a *Vênus*, sob um céu metafísico e povoado de anjinhos, expõe um corpo irreal, mas materialmente sensual. A *Olympia* foi considerada falsa e suja; a *Vênus*, adquirida pelo imperador, aclamada como modelo de mulher. Em termos históricos, a polêmica é interessante, traduzindo-se no conflito entre os cânones acadêmicos e a arte independente. Pode-se perceber várias sensibilidades em jogo. De onde se conclui que a beleza não era um ideal unívoco. A questão inspirou Daumier a fazer uma caricatura maliciosa da situação. Duas mulheres, nada belas, comentam entre si: “Este ano mais Vênus, sempre Vênus... como se existissem mulheres assim!”.

O tema da caricatura merece atenção especial. Rompendo com a estética do belo, os caricaturistas deram vida aos corpos grotescos e deformados. Atrevidos, eles seduziam pelos gestos e palavras. Mayeux, Monsieur Prudhome e Macaire, personagens do artigo de Ségolène Le Men, faziam parte do cotidiano francês do início do século XIX. Pela mão da historiadora, eles ganham alcance universal. Inspirados em espetáculos e artistas de ruas, tais tipos caricaturam o amor patriótico e os sentimentos populares. Prudhome, burguês grisalho, é símbolo do conformismo que caracteriza as classes médias. De óculos redondos e vestes escuras, ele sugere aproximações curiosas com o nosso Juca Pato, criação do caricaturista Belmonte. Na França, como no Brasil, o cômico funcionou como poderoso canal de catarse social. Diante da crescente miséria urbana capitalista, a possibilidade de se rir da empáfia dos poderosos, com seus olhos e ventres dilatados, abriu uma brecha poderosa para a expressão das tensões sociais.

No conjunto da obra, destacam-se os artigos de Alain Corbin. Assinando “A influência da religião”, “Encontro dos corpos” e “Dores, sofrimentos e misérias do corpo”, ele nos brinda com um trabalho de fôlego, inovador. Mostra-nos o autor, que, no século XIX, vários saberes, além da medicina, participaram da construção dos corpos e dos comportamentos. Pessoas interessadas no amor e no sexo preferiam ler dicionários de *ars erotica* em vez da literatura médico-científica. Um rico vocabulário sobre as sensações do gozo remetia à embriaguez dos sentidos, provocando sensações inusitadas, que vão desde a cegueira até explosões de luz. Se a biologia patologizava o prazer, limitando-o à procriação, tais livros exaltavam a liberdade erótica. Entendimentos sobre os corpos variam devido à geografia. Nas áreas rurais, declarações amorosas incluíam tapinhas e beliscões; era comum, entre garotos, o coito com animais e concursos de pênis. Corbin nos lembra, ainda, que, naquela época, as informações sobre o corpo não se limitavam à escrita. Barracas de feiras populares foram indispensáveis para a divulgação científica. Expunham-se ali as belezas e os horrores da anatomia: Vênus de quatro mamas, fetos, hermafroditas. Só homens tinham acesso a tais informações. Até 1897, mulheres eram excluídas das aulas de anatomia nas escolas de belas-artes. Outro ponto alto nos estudos de Alain Corbin: o caráter precário das representações femininas. Até finais do século XIX, elas foram objeto das angústias e fantasias masculinas. As histéricas e as safistas, sugere-nos o autor, devem ser pensadas a partir dessa questão.

Na história do corpo, o cadáver continua um tema tabu. Fica-se sabendo que a pena de morte, na Europa pré-industrial, era espetáculo público. Mobilizava multidões de homens, mulheres e crianças. Nesse “teatro penal”, encenava-se a superioridade enfurecida do rei e o caráter sagrado do direito. O corpo do acusado perdia sua humanidade. Raspavam-lhe a cabeça, perfuravam-lhe a língua, cortavam-lhe os dedos. Nem sempre o Estado era o protagonista desse horror. A embriaguez e o desejo moviam a multidão em delírio. Tal catarse era sugerida pelos médicos como sucedâneo à im-

potência sexual. Essa cena orgiástica foi evocada em filme recente, baseado no romance *O perfume*, de Patrick Süskind.

Foi a criação da guilhotina, em 25 de abril de 1792, que inaugurou a morte rápida e em série. Mas a separação instantânea entre o corpo e a alma angustiava: o que sentiria esse morto-vivo após a cisão? Na história do corpo, sempre foi mais difícil falar da dor do que do prazer. Nem sempre a dor foi algo a ser combatido, diz-nos Corbin. Para Santo Agostinho, ela era meritória, garantindo a salvação da alma. Nas escolas, crianças eram tratadas com a palmatória. Camponeses e operários sofriam, com orgulho, as dores físicas do trabalho. Só a partir de 1780, com a “revolução anestésica”, a dor torna-se inimiga do homem. Aceitar o fato foi complicado. Entendia-se que a perda momentânea da consciência era degradante. Temia-se que médicos abusassem das mulheres adormecidas.

A relação com os corpos enfermos sempre foi problemática. Esse é o tema do ensaio de Henri Jacques Stiker “Nova percepção do corpo enfermo”. Durante muito tempo, deficientes eram vistos como monstros, revelando sinais maléficos. Pertenceriam à humanidade?

No século XIX, expostos nos circos, mercados e feiras, tais corpos transformam-se em atração. Vitor Hugo em *L’homme qui rit* (1869) fala de um traficante de crianças, o “*comprachicos*”, que as adquiria para exibição. O comércio implicava, muitas vezes, no rapto e deformação do seu rosto ou corpo. Só o advento do cinema conseguiria desviar os olhos desse espetáculo macabro.

A desigualdade de tratamento dos corpos também é tema do instigante texto de George Vigarello, “Higiene do corpo e trabalho das aparências”. Ficamos sabendo que até a água dividia as classes sociais. Na Inglaterra e na França, foi apenas em meados do século XIX que as camadas populares tiveram acesso à água. Uma cartilha escolar francesa, de 1927, mostra os banhos populares, em duchas públicas. Contrastando com tal cena, um romance de Eugene Sue, de 1844, descreve o ritual de banho de uma mulher da elite. Sob os olhares das camareiras, ela mergulha em uma banheira de prata, na

qual se misturam corais e conchas. A descoberta microbiana também induz a uma verdadeira revolução nos costumes. Modifica-se a própria idéia do sujo. Ele pode se esconder sob a pele mais branca ou a água mais transparente. Uma outra prática que revolucionou os costumes foi o esporte, de acordo com Vigarello e Richard Hot em “O corpo trabalhado: ginastas e esportistas do século XIX”. A partir de 1850, torna-se moda o “*Mens sana in corpore sano*” (“Mente saudável em corpo saudável”). Na Inglaterra vitoriana, o esporte tomou emprestado da aristocracia valores como elegância, dignidade e honra. Grupos das elites e classes médias se misturaram nessa prática. Além de moldar os movimentos modernos, o esporte revestiu de novos significados os conceitos de raça, nação e império. O culto do esforço e da competição favoreceu a idéia da superioridade do homem branco.

#### AS MUTAÇÕES DO OLHAR: O SÉCULO XX

É no século XX que o corpo passa a ser um objeto de estudo histórico. A carne, o inconsciente, reflexos, movimentos, dor, prazer, angústia, fazem parte de uma nova narrativa que vai propiciar um entendimento inédito dos movimentos da medicina, psicanálise, costumes sociais e históricos. Estudar o corpo é privilegiar várias áreas do saber humano. É preciso entendê-lo como um todo, pois ele aglutina várias disciplinas: a anatomia, a teoria da evolução, a biologia, as artes, a psicanálise, entre tantas outras. É a razão principal da existência. Mesmo um corpo inanimado tem seu espaço no mundo, pois ainda que sem vida ele marca sua presença e história, registrada em sua sepultura.

O terceiro volume, sob a direção de Jean-Jacques Courtine, oferece um panorama instigante de possibilidades de estudo e reflexão, além das mudanças promovidas no século passado. O ponto de partida é o mundo moderno atravessado por saberes, desejos e normas, desvio e periculosidade, sofrimento e violências, novos olhares, o corpo como espetáculo e o corpo nas artes. O volume abre com extenso artigo da filósofa e historiadora Anne Marie Moulin,

especialista em medicina tropical e perita em saúde pública, que vai tratar de “O corpo diante da medicina”. Nele, ela conclui que o século XX “diluiu mais enfermidades do que as eliminou”, e mudou a experiência da doença. Lembra da importância das descobertas e aplicações das vacinas da infância, que erradicaram rubéola, coqueluche e caxumba. Acredita que a palavra-chave do século XX é saúde, que passou a ser a verdade e a utopia do corpo. Com efeito, além de parecer sempre saudável, o corpo deve ser um lugar onde não se pode mais sentir dor e nem denunciar desordens fisiológicas. Para isso, conta-se com a medicina preventiva, na qual um corpo são vai buscar nas pesquisas genéticas prognósticos para possíveis males. Apesar de alguma supressão da dor, graças à descoberta da anestesia, o mal do século é a solidão. A pesquisa segue seu curso e a descoberta de que o genoma humano possui tantos pares de bases como o da mosca, por exemplo, vai provocar novas questões sobre o corpo doente, entre elas: os animais podem contribuir para a cura das doenças do ser humano? Moulin provoca questões éticas históricas e antropológicas para entender se “o genoma é ou não é pessoa”, se “[...] seria o cenário no qual os corpos se tornam visíveis por máscaras que os transformam e pessoas”.

A exibição do corpo é o tema do artigo “O corpo sexuado”, de Anne-Marie Sohn, professora de história contemporânea. O pudor corporal vai desaparecendo durante o período das duas grandes guerras. O corpo se mostra nos balneários, no cinema com Brigitte Bardot, que aparece nua em *E Deus criou a mulher*, de Roger Vadim, em 1956. Aos poucos os limites entre os filmes eróticos e os filmes de arte se diluem. O corpo vai se libertando cada vez mais com a dissociação entre sexualidade e reprodução, por meio do advento da pílula anticoncepcional, aprovada para uso nos Estados Unidos em 1960. A euforia das mulheres – que agora são proprietárias de seus corpos, livres para amar sem o risco de uma gravidez involuntária – vai sofrer um golpe com o surgimento da aids, quando a sexualidade volta a ser um problema de saúde pública, e práticas sexuais até então encobertas têm de ser assumidas. Sohn define os

anos entre a pílula e a aids como “Trinta anos gloriosos”. A dietética moderna, as intervenções cirúrgicas por motivos estéticos e a liberação dos corpos para o prazer mostram que no século XX ocorreu a maior revolução pela qual já passou corpo humano, e num período de tempo muito reduzido.

Georges Vigarello, membro do Instituto Universitário da França, dedica-se ao corpo nos esportes atléticos. Este vai passar por longos períodos de treinamento – antes dedicados a cavalos para corridas – e mostra a íntima relação entre o corpo e a técnica, que está a serviço do aperfeiçoamento da motricidade, perseguindo ideais de expansão dos músculos e movimentos. O mais interessante na reflexão do historiador é sua análise sobre a dupla experiência da identidade. Ele entende que o desenvolvimento do corpo se tornou um exemplo de exploração da identidade.

Ao contrário do organismo belo e bem tratado de que se falou até agora, o antropólogo Jean-Jacques Courtine aborda num ensaio brilhante “O corpo anormal”, fazendo um histórico desde o final do século XIX dos prazeres mórbidos que levavam espectadores às praças públicas para assistir à exibição de seres com anomalias físicas visíveis, tais como mulheres barbadas, homens-macacos, irmãos siameses (dois corpos sobre duas pernas), anões, homens-elefantes. É na literatura do século XIX que, aos poucos, as sensibilidades vão criando um sentimento de compaixão pelos seres diferentes e a medicina vai apresentá-los como corpos doentes. Esses “monstros” vão se tornar humanos, e a partir da percepção do igual as platéias vão mudando seu interesse e reconhecendo sentimentos nesses enfermos, que se sentem infelizes em sua condição anormal. As poucos, o cinema reproduz em imagens personagens como Frankenstein, Doutor Jekyll e Mister Hyde, Drácula, que, apesar da mutação dos olhares da sociedade, ainda hoje provocam curiosidade nos espectadores. Courtine credits a Walt Disney, especificamente no filme *Branca de Neve e os sete anões* (1938), a transformação de objetos de ficção monstruosos, em artigos de consumo para todo o público. Apesar de assustadores, esses personagens têm bons sentimentos e

podem até ser heróis das histórias. O antropólogo percebe conseqüências políticas nas sociedades democráticas que quiserem transformar o corpo anormal em corpo ordinário:

Há um campo de conflito entre razão política e visão singular. A primeira requer que se sejam tratados de modo igual aos indivíduos, enquanto a outra registra a perturbação do olhar diante dos desvios dos corpos.

Courtine assina com Vigarello outro artigo interessante que trata da importância dos traços e indícios que o corpo evidencia mesmo morto. Estudo de crânios e de impressões digitais pode ajudar na busca de criminosos e na elucidação de casos policiais.

O século XX ficou marcado por genocídios e holocaustos. O historiador e cientista político Stéphane Audoin-Rouzeau afirma que a experiência de guerra subverteu profundamente os ritmos ordinários dos corpos, ao analisar os conflitos armados do século XX, desde as duas guerras mundiais até as do Vietnã, Coréia e Indochina. Mostra como os corpos se moviam nas trincheiras; alguns retornavam mutilados e outros sem vida. As mentes também se transformaram pelo duplo sofrimento: a própria dor e a dos outros, vivida intensamente pelos combatentes. Aponta a importância dos mortos de guerra, agora transformados em corpos de resistência, uma moeda de troca política entre os países. Corpos com nomes em suas sepulturas.

A historiadora francesa Annette Becker analisa os corpos em campos de concentração stalinistas e campos de extermínios nazistas. Percebe que, nos dois casos, os corpos vivem no sofrimento, mas também marcam uma presença de resistência quando teimam em sobreviver com pequenos gestos do cotidiano. Entre eles, estão lavar-se, vestir-se, beliscar as bochechas, num movimento de vaidade feminina, para que fique com o semblante mais corado. Além da luta para que os cadáveres pudessem ser enterrados e não reciclados. Nos campos de extermínio, em lugar dos corpos havia cinzas.

Espectáculos, jogos, cinema e artes ocupam a última parte do volume. Os jogos esportivos vão atrair massas para os estádios desde o princípio do século. O corpo do atleta não lhe pertence mais, pois é trabalhado para se transformar num corpo heróico, com o máximo de força que pode alcançar. As copas do mundo, os novos heróis dos gramados e das pistas também são abordados na reflexão de Vigarrello. Os jogos acompanham estratégias políticas e ganham cada vez mais público com os meios de comunicação de massa. As aberturas de Jogos Olímpicos realizam uma festa da identidade nacional dos países-sede, apresentando suas riquezas e cenários que contam suas histórias. Não é apenas o lado glamuroso que foi tratado, mas a face escondida dos *dopings*, das violências nos estádios e seus entornos.

“O corpo no cinema”, de Antoine de Baecque, é um delicioso texto sobre o registro dos corpos na tela e as estrelas que vão povoar imaginários de várias gerações. Esses ídolos de celulóide vão ditar modas, hábitos e estilos de vida em todo o planeta. Não apenas os corpos monstruosos ou sedutores, pois Baecque percebe um novo corpo em construção: o cibernético e imortal. Outro movimento que também se constitui num laboratório de experiências corporais é a dança. No artigo de Annie Suquet, historiadora da dança, faz-se um estudo completo sobre as possibilidades de atitudes e tendências, como espirais, no campo das possibilidades físicas. Ou para além delas. O volume termina com “O corpo e as artes visuais”, do professor de filosofia Yves Michaud, que se detém nas representações dos corpos na fotografia. Ele anuncia o fim da arte moderna: “A arte moderna acabou. Deu lugar a uma arte que não é mais nem profética nem visionária, que faz precisamente parte dos inúmeros mecanismos da reflexão social”. No campo historiográfico, esses três volumes vieram para marcar época, da mesma forma que o fez a *História da vida privada no Brasil*, com coordenação geral de Fernando A. Novais (1997/1998). Naquele contexto, os instrumentos de investigação da esfera privada passavam, cada vez mais, a serem percebidos como campo de iluminação para a compreensão da inte-

ligibilidade do público. Hoje, já consagrada essa vertente interpretativa, voltamos a nossa atenção para o corpo.

Lugar recôndito das emoções e dos sentimentos, na vida cotidiana o corpo configura para os indivíduos uma comunidade de sentidos, sendo lugar de referência no qual se traduzem, se adaptam e, também, se amortecem os efeitos da política, da sociedade e da cultura, que afetam as sensibilidades individuais. A história do corpo possibilita acessar relações, significados e práticas inusitadas que podem ajudar, em muito, o historiador a decifrar o espírito e os sistemas de apreciação que regeram as mais distintas temporalidades e sensibilidades históricas.

Esses volumes nos fazem, em suma, refletir sobre a própria condição humana e o seu lugar na cultura. É ela em sua tensão que vai permitir uma apreensão das sensibilidades. O corpo é o receptáculo da cultura, e cada época vai refletir os valores e as regras de determinada sociedade. Corpos sempre presentes.